

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DE GOIÁS  
CURSO DE LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS

O PASSADO ENTRELACADO À MODERNIDADE: ANÁLISE  
COMPARATIVA ENTRE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Maria Luiza Pereira de Andrade

GOIÁS  
2011

MARIA LUIZA PEREIRA DE ANDRADE

O PASSADO ENTRELACADO À MODERNIDADE: ANÁLISE  
COMPARATIVA ENTRE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Monografia apresentada ao curso de Letras:  
português/inglês da Universidade Universitária Cora  
Coralina – UEG, como um dos requisitos para a  
obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras:  
português/inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Marlene Gomes de Vellasco

GOIÁS,  
2011.

MARIA LUIZA PEREIRA DE ANDRADE

O PASSADO ENTRELACADO À MODERNIDADE: ANÁLISE  
COMPARATIVA ENTRE CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras  
da Unidade Universitária Cora Coralina como um  
dos requisitos para a obtenção do grau de  
Licenciatura Plena em Letras: português/ Inglês

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca examinadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Eugênia Curado

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Iêda Regina Carmo

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Marlene Gomes Vellasco

Aos meus pais *in memoriam*; aos meus filhos pelo apoio e carinho; e a todas as mulheres que como eu, lutam contra as pedras do caminho, em busca da vitória.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida, e que me concedeu a oportunidade de fazer esse curso e direcionou meus passos em todos os momentos.

A minha orientadora Professora Marlene Gomes de Vellasco pelo apoio e orientação.

Aos meus familiares e amigos que me incentivaram para que eu não desistisse de concluir o curso de Letras.

E com carinho a todos os mestres do curso de Letras, que com paciência e compreensão nos momentos difíceis me orientaram para que eu pudesse realizar o presente trabalho.

O que vale na vida não é o ponto de partida e a caminhada, caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

CORA CORALINA

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar um estudo comparado entre duas poetisas goianas, Cora Coralina e Leodegária de Jesus, que foram contemporâneas em atividades culturais no início do século XX, se distanciando no que se refere à forma e ao conteúdo de suas respectivas obras. Leodegária de Jesus, com 17 anos, foi a primeira mulher a publicar um livro de poema em Goiás, contribuindo de forma significativa para a valorização da mulher na sociedade de sua época. Sua poesia genuinamente romântica muito contribuiu com o contexto cultural de Goiás do início do século passado. Já a poetisa Cora Coralina, com uma obra marcada pela influência da modernidade, consegue publicar seu livro com 75 anos, transcendendo os limites regionais e de escolas literárias. Este trabalho revelará em que se distanciaram estas duas mulheres que contribuíram tanto com o surgimento da Literatura de punho feminino em Goiás.

**Palavras - chave:** Literatura, goiana. Cora Coralina. Leodegária de Jesus.

## ***ABSTRACT***

This research aims to show a comparative study between two poetess who are from Goiás: Cora Coralina and Leodegária de Jesus. They were contemporary in cultural activities at the beginning of the twentieth century, moving away their form and the content of their works. Leodegária de Jesus, when she was only 17 years old, she was the first woman to come out a poem book in Goiás, contributing significantly to the woman appreciation in the society of her time. Her genuinely romantic poetry contributed greatly to the cultural context of Goiás at the beginning of last century. On the other hand, the poetess Cora Coralina, with her work marked by the influence of modernity, she could, come out her first book when she was 75 years old, transcending the regional and school literary limits. This work will reveal in which part they distanced themselves, they who contributed so much with the appearance of the female literature in Goiás.

**Key words:** Literature, from Goiás. Cora Coralina. Leodegária de Jesus.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I: A LITERATURA GOIANA.....	10
1.1 Histórico da literatura goiana.....	10
1.2 A trajetória da mulher na literatura goiana.....	12
II: MULHERES A FRENTE DE SEU TEMPO.....	16
2.1 O romantismo de Leodegária de Jesus .....	16
2.2 A modernidade de Cora Coralina.....	22
III: LEODEGÁRIA E CORA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.....	28
3.1 Análise comparativa.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo principal apresentar um estudo comparado entre duas poetisas goianas, Cora Coralina e Leodegária de Jesus, que foram contemporâneas em atividades culturais no início do século XX, se distanciando no que se refere à forma e ao conteúdo de suas respectivas obras. Este trabalho revelará em que se distanciaram estas duas mulheres que contribuíram tanto com o surgimento da Literatura de punho feminino em Goiás.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo realizaremos um estudo sobre o histórico da literatura goiana, expondo dados de quando surgiram os primeiros vestígios de literatura em Goiás, como se deu o desenvolvimento da literatura até chegar ao cenário literário goiano do início do século XX. Evidenciaremos ainda no primeiro capítulo como se deu a partição das mulheres na literatura goiana e de que forma as mulheres agiam para se libertar dos preconceitos vividos na sociedade vilaboense daquele tempo dando destaque a Cora Coralina e Leodegária de Jesus.

No segundo capítulo, será feita uma explanação a respeito do romantismo de Leodegária de Jesus e do modernismo de Cora Coralina, evidenciando o conteúdo de suas obras bem como os de suas vidas pessoais.

No terceiro capítulo, será feita uma análise comparativa entre as duas poetisas dando especial espaço aos aspectos da poesia de ambas no que se referem às diferenças e semelhanças.

# A LITERATURA GOIANA

## 1.1 Histórico da literatura goiana

Quando os bandeirantes chegaram a Goiás a única preocupação deles era achar metais preciosos, não tendo qualquer “preocupação de ordem intelectual”, por isso a literatura demorou a se manifestar. Isso em razão do

isolamento geográfico e espiritual do Estado de Goiás e sobretudo em suas regiões norte e nordeste, a imaturidade político-administrativa e a preocupação primária de nossos antepassados construíram as causas históricas que retardaram o aparecimento das primeiras manifestações literárias em Goiás. (Rodrigues, 1917 apud Teles, 1983)

Para Almeida (1985), os primeiros clarões literários em Goiás se deram por meio das correspondências entre governadores, a autora afirma que, segundo “varias opiniões”, o início da literatura se deu por intermédio destes documentos.

De acordo com Teles (1983), os primeiros indícios de preocupação com a literatura em Goiás foi em 1773, no governo de José de Almeida Vasconcelos Soveral e Carvalho, em que se fazendo cumprir um alvará que estabelecia subsidio literário, foram contratados três professores para Goiás, sendo um para Vila Boa de Goiás.

Já em 1830, com a publicação do *Matutina Meia- Pontense*, primeiro jornal da Província, lançado em Pirenópolis, ainda de forma lenta, a literatura goiana foi se desenvolvendo através das primeiras aulas no final do século XVIII e dos viajantes ilustres que visitavam Goiás e deixavam suas referências, no entanto predominavam-se idéias acadêmicas e árcades.

Chaul (2001) informa-nos que entre os viajantes que passaram por Goiás estão: Saint-Hilaire, Johann Emmanuel Pohl e Luiz D’Alincourt que deixaram um grande legado de informações sobre a vida social e econômica da região. Dentre as informações deixadas por estes viajantes está o relato da preguiça e do ócio da população, sendo comparada por Pohl às comunidades indígenas já que com o fim da mineração, a sociedade se sedentarizou por causa de economia que permanecia inerte (Chaul, 2001). Assim, “a não ser pelos viajantes, nada se fez no terreno literário”. (Teles, 1983, p. 29)

Em 1850, foi criada a primeira Biblioteca pública e o Gabinete Literário Goiano que de acordo com Almeida (1985), passaram a ser frequentadas por intelectuais em busca de afirmação cultural. Segundo Monteiro (1983), a literatura não teve muito espaço em Goiás, pois como se tratava de uma cidade que atraía as pessoas principalmente pelas riquezas minerais e poucas se interessavam pelo campo das Letras.

Ainda de acordo com Monteiro (1983), os primeiros literatos, como Bartolomeu Antonio Cardovil, voltavam seus versos para fazer elogios ao governo. Após Bartolomeu, surgiram dois grandes intelectuais Luiz da Silva e Souza e o padre João Luiz e que segundo a autora relata depois deles literatos houve um longo período sem que se falasse em literatura em Goiás. Isso porque, houve uma estagnação literária, devido à transição do governo “bulhista” para o “caiadista”, movimento que sufocou por um bom tempo a movimentação intelectual em Goiás.

De acordo com Chaul (2001) os Bulhões e os Caiados disputavam a política em Goiás não por questões ideológicas, mas sim pela ambição do poder. E, nesta disputa, as principais preocupações eram a procura pelos apoios políticos partidários o que fez com que todo o resto ficasse à margem, inclusive a literatura.

O desenvolvimento das letras em Goiás, de acordo com Britto (2009), tornou-se mais propício a partir do século XIX, quando predominou entre as famílias tradicionais o costume de enviar seus filhos para estudar na Europa e no Rio de Janeiro. Era a europeização dos costumes, porque neste período falar francês e ser refinado passaram a ser importante na sociedade goiana.

Irmã Áurea Cordeiro Menezes, citada por Almeida (1988), faz uma crítica ao ensino em Goiás e diz que o ensino era um reflexo do poder de aquisição da sociedade goiana e que se encontrava em estado embrionário se remetendo a uma escola empírica, tradicionalista e deficitária. Ainda de acordo com a autora, até a década de 20, era comum o ensino em família aceito pelas autoridades, pois começavam a reconhecer o valor da instrução.

Apesar de a literatura goiana ter se desenvolvido a passos lentos, enfrentando o desinteresse dos mineradores, o descaso dos governantes e a repressão por longos períodos, é notável o grande legado deixado por nossos escritores e escritoras na história da literatura goiana.

## 1.2 A trajetória da mulher na literatura goiana

A condição de inferioridade da mulher nas relações sociais é percebida nos livros de história desde os tempos medievais até meados da década de 70, no qual fica evidenciado o destaque dado aos homens.

Durante os séculos que antecedem o século XX, e por algum tempo dentro deste século, a presença feminina se limitava ao interior das casas. À mulher cabia a reprodução e zelo da família, permanecendo, assim, excluída dos centros de poder, da vida política e da literária.

Em Goiás, a vida social das mulheres não foi diferente, Monteiro (1974) relata, em *Reminiscências*, o cotidiano da vida social em Goiás entre os anos de 1907 e 1911, e o que pode se perceber naquela época é que a mulher ainda vivia em um ambiente machista e repressor. A autora conta que as roupas usadas pelas mulheres tinham que cobrir até o calcanhar e

em Goiás, até então, permanecia vivo o espírito de clã. As famílias procuravam estar sempre reunidas. Comumente os casamentos se realizavam entre primos ou entre tios e sobrinhas. Estes últimos só deixaram de existir depois que a lei os proibiu. (Monteiro, p.78, 1974)

Apesar do ambiente machista neste período, conta-nos a autora que havia ótimas escolas em Goiás como Mestre Nhola, Colégio Santana e Lyceu de Goyaz, mas apesar das meninas poderem estudar, estudavam em colégios destinados somente a mulheres. Neles, não era permitido que meninos e meninas estudassem no mesmo ambiente.

Uma das primeiras formas de manifestação cultural feminina em Goiás foi no tempo do império quando grandes pianos chegavam em carros de bois a pedido de algumas mulheres das famílias Bulhões, Tocantins e Fleury Curado. Elas tocavam em saraus e faziam se inesquecíveis as notas tocadas magnificamente (Almeida, 1988).

A primeira escola de meninas de Goiás foi criada em 1832 por José Rodrigues Jardim que, segundo Almeida (1985), foi o primeiro presidente goiano e era um homem de visão que tinha uma grande capacidade de trabalho, interessado pela cultura e pela instrução das mulheres.

Depois em 1847, foi criado o Lyceu de Goyaz, que foi o segundo estabelecimento de ensino secundário do Brasil, comparado ao colégio Pedro II, tinha um excelente ensino e seus

professores eram submetidos a concurso para comprovar capacidade. (Almeida, 1985). Em 1889 o colégio Santana foi criado pelas Dominicanas francesas e baseava seus ensinamentos na moral, no intelectual e na cultura. Em 1904, surgiu a Academia de Goiás presidida pela escritora Eurídice Natal que objetivava uma maior aceitação das mulheres na literatura goiana. (Britto, 2009). A presença feminina, no campo das Letras, não só foi admitida neste período, como também foi considerada, o mais destacado movimento literário-cultural de Goiás, segundo Almeida (1985).

No ano de 1907, foi lançado o semanário *A Rosa*, impresso em papel cor-de-rosa e que era dirigido por mulheres como Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana. Era por meio deste jornal que as idéias do movimento literário em Goiás tomavam impulso e também que suas dirigentes ofereciam bailes em um ambiente refinado, com literatura refinada e com todas suas participantes vestidas de cor-de-rosa. (Teles, 1983). Entretanto, de acordo com Almeida (1988), o jornal não trazia colaborações apenas femininas, havia também páginas assinadas por Ricardo Paranhos, Augusto Rio e Coelho Neto. Sendo assim, o semanário não era exclusivo das mulheres, tanto que seu gerente e proprietário era um homem Dr. Heitor de Moraes Fleury.

Mesmo não sendo inteiramente das mulheres, o jornal *A Rosa* foi um marco para a época pondo em evidência vários nomes femininos. Leodegária de Jesus foi um dos nomes que se sobressaíram nas publicações semanais do jornal com seus poemas românticos. De acordo com Denófrío (2001) Leodegária foi a primeira mulher a publicar um livro em Goiás, o que foi um grande avanço para as mulheres, uma vez que naquele período até os homens encontravam dificuldades para publicar seus livros. A autora acrescenta que desde sua primeira publicação Leodegária continuou sendo a única poetisa goiana a publicar obras em Goiás, mesmo depois de se passar 22 anos, o que faz de Leodegária uma figura de grande importância na tradição literária goiana.

Mesmo se destacando tanto na literatura goiana, Leodegária de Jesus teve seu pedido de exame para entrar no Lyceu Goyano negado, pois seu pai, o professor e jornalista José Antônio de Jesus, era alvo de perseguição política na época. (Denófrío, 2001)

Francisco Ferreira dos Santos Azevedo publicou em 1910 o *Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, e nele faz referência às atividades literárias da época, incluindo o nome de Leodegária de Jesus da qual ele se refere como “modesta poetisa”. Traz ainda um conjunto de poemas de autores goianos entre eles os de Leodegária, publicado em seu livro *Coroa de lírios*.

### Símile

Quando vivemos a sonhar amores,  
 Quando não temos a ilusão perdida,  
 Quando nossa alma não padece dores,  
 Morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas si nos fere o espinho da tristeza,  
 Se maltratados somos pela sorte,  
 Se nos é dado o cálice da incerteza,  
 Viver é triste! Como è doce a morte!

O compositor Joaquim Sant' Ana musicou os versos de Símiles, e a canção passou a fazer parte de todos os encontros festivos em Goiás “em que os bons versos, a boa música são constantemente requisitados” (Almeida, p. 36, 1988).

Foi também com a criação do jornal *O lar*, em 1926, que Goiás experimentou um fervilhar de intensa atividade literária por parte da mulher. Diferente do jornal *A Rosa*, *O Lar* esteve totalmente nas mãos de mulheres, que o dirigiam e editavam. Entre as mulheres que dirigiam o jornal estava Oscarlina Pinto, importante figura no meio intelectual.

Além de Oscarlina, o jornal tinha como redatores: Altair Camargo, Ofélia do Nascimento, Maria Ferreira e Yeda Nascimento, e ainda trazia como colaboradoras intelectuais Laila e Amélia Amorim, Thais de Carvalho, Consuelo R. Caiado, Laura Nunes, Edith M. Peclat, Colandy Sant'Ana, Adelaide Leonor da Rocha Lima, Graciema Machado, Isabel Taveira, Maria Rizzo de Castro, Maria Paula Fleury Godoy, Yolanda Lisboa do Nascimento, Olga do Nascimento Monteiro, Noemi Lisboa Castro, Juracy do Nascimento Magalhães, Maria Victoria Victor Rodrigues entre diversas outras do Estado que queriam contribuir com nossas letras. (Almeida, 1988)

Muitos nomes se sobressaíram e os jornais revelaram vários talentos intelectuais femininos. Além disso, contribuíram para a edificação de uma geração culta, que marcou uma época. Conquistaram o espaço que lhe era de direito e com grandeza espiritual e intelectual.

Oscarlina Alves Pinto publicou no 1º número de *O Lar* sua opinião sobre a literatura daquele tempo e a participação da mulher neste meio. Vejamos:

Há muito que vínhamos notando no nosso meio social, a falta de um jornalzinho onde as mulheres com mais liberdade, pudessem trocar idéias, difundir seus pensamentos, espargir em profusão as flores de su'alma e da sua sã inteligência, incitar as suas companheiras para o bem, e, finalmente o nosso meio literário, embalsamar o ambiente com a fragrância evoluída de seu bom gosto e conhecimento intelectual. (Almeida, pg. 40, 1988)

Entre 1930 e 1940, a literatura goiana foi movimentada por um grupo de mulheres, como já havia acontecido com os jornais *A Rosa*, e *O Lar*. De acordo com Teles (1983) este grupo de mulheres que se destacaram na década de 30 na literatura goiana foram Cora Coralina, Rosarita Fleury, Nelly Alves de Almeida, Marilda Palinia e Genezy de Castro e Silva.

Apesar de Cora Coralina ter se destacado na década de 30 até o fim de sua vida, foi ainda jovem:

Cora Coralina (Anna Lins dos Guimarães Peixoto) é um dos maiores talentos que possui Goiás; é um temperamento de verdadeiro artista. Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada tudo que o mundo tem de bom, mima linguagem fácil harmoniosa, ao mesmo tempo elegante.

É a maior escritora do nosso estado, apesar de não contar ainda 20 anos de idade. (Azevedo, 1910, p.209)

Anna Lins dos Guimarães Peixoto possuía apenas o curso primário incompleto o que não a impediu de ser influenciada pela leitura a exemplo de sua mãe, Jacyntha Luiza do Couto Brandão, do marido e de outros literatos. Para Britto (2009), Cora Coralina vivia em um ambiente favorável à literatura. Sua mãe possuía uma cultura considerável para a época e leu todos os livros da biblioteca pública de Goiás.

Britto (2009) diz que Cora Coralina afirmava que quando começou a publicar nos jornais se sentia rejeitada, mesmo estando em ambiente favorável ao desenvolvimento das letras. Achava que os escritores tinham mais prestígio que as escritoras. Além disso, a família de Cora Coralina não considerava de bom tom que a poetisa tivesse como ofício a literatura, talvez por este motivo tenha se casado com o intelectual Candido Bretas, na tentativa de se livrar das amarras e limitações impostas por sua família e pela sociedade. (Britto, 2009)

É importante lançar um olhar mais profundo para o papel da poesia feminina goiana, já que nossas poetisas permaneceram relegadas a um segundo plano por um bom tempo no percurso histórico. A literatura tornou-se um meio pelo qual as mulheres realizaram ruídos no silêncio. Silenciadas pelo sistema social, as mulheres passaram a se manifestar. Isso possibilitou a marca da personalidade de resistência das mulheres que alcançaram o espaço público e se fizeram ouvir por meio da escrita.



## MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO

### 2.1 O romantismo de Leodegária de Jesus

O Romantismo, segundo Tavares (1969), surgiu no Brasil em 1893 com a coletânea de versos “*Suspiros Poéticos e Saudades*”. O autor defende que não é fácil definir as características do Romantismo, mas as resume em individualismo e liberdade, pois através do individualismo o artista pode extravasar todo o seu “eu” e através da “liberdade” ele tem a escolha tanto da forma quanto do conteúdo.

Alfredo Bosi (1988) também compartilha da dificuldade em conceituar o Romantismo, pois, segundo ele, para explicá-lo seria necessário perder todo o espírito de rigor crítico. A riqueza de motivos e temas dificulta alcançar uma significação exata de um universo tão abrangente. Mesmo não sendo fácil definir o Romantismo, Tavares (1969) acredita que de forma resumida o Romantismo caracteriza-se pelo sentimentalismo, que seria o predomínio do sentimento sobre a razão; o nativismo ou nacionalismo, que é o culto a natureza e o patriotismo; a evasão, que é a fuga da realidade.

Nos fins do século XIX e início do XX, de acordo com Teles (1983), a estética em Goiás era inicialmente clássico-romântica transigindo para o predomínio do Romantismo, que inspirava os poetas goianos. Em Goiás, as idéias românticas começavam a se misturar com influências parnasianas e simbolistas no início do século XX, ocasionando um anacronismo em relação à literatura nacional já que o Romantismo estava ultrapassado em meados de 1870, e somente em 1900 o Romantismo atingiria o seu auge em Goiás. (Teles 1964 apud Brito (2009).

Foi no período áureo do Romantismo em Goiás que Leodegária de Jesus começou a escrever seus primeiros poemas. Seus versos são caracterizados pelo escapismo, a fuga da realidade diante de um amor que não era possível no plano real, assim como a fuga diante da vida de uma mulher numa sociedade machista e de uma literatura ainda distante em Goiás no início do século XX.

Seria o “romantismo tardio” de Leodegária como nos explica Darcy Denófrío (2001) que entre tantos poemas de amor o soneto “*Supremo Goso*” traz o amor platônico como única forma possível para as moças de família daquele tempo, uma vez que passavam por uma rígida formação. No poema “*Supremo goso*”, Leodegária de Jesus dedica seus versos a

alguém, mas não identifica a pessoa, pois “por razões que podemos adivinhar, imaginando o mundo de preconceitos e patrulhadores da moral e dos bons costumes de uma cidade do interior” [...] (Denófrio, pg.35, 2001)

Supremo goso

A...

Não dou valor ao sol mais perfulgente,  
Diante destas jóias peregrinas.

JOSE CHAGAS

Quando os teus olhos languidos, formosos,  
Nos meus, se fitam, com ideal ternura,  
Nesses olhares vagos, amorosos,  
Vejo sorrir-me a vida, com doçura.

Quando em teus lábios frescos e mimosos,  
Paíra um sorriso, cheio de brandura,  
Então, minh'alma, às regiões dos gosos,  
Sinto evolar-se, plena de ventura.

Se te ouço voz amena que deleita,  
Mais que o cantar das aves peregrinas,  
Oh alma santa, de minha'alma eleita,

Muda-se logo o mundo em paraíso;  
As alegrias puras e divinas,  
A me afagarem, ternas, eu diviso.  
(Leodegária de Jesus, in Denófrio, pg. 89, 2001)

De acordo com Denófrio (2001) a não ser por raros casos, a mulher só começou a escrever de fato no final do século XVIII. Escrevia com vergonha do que fazia, utilizando - se muitas vezes de pseudônimos para não ser alvo de discriminação.

Virginia Woolf (2004) apud Brito (2009) explica que a pouca participação das mulheres na literatura se devia a falta de condições materiais que garantissem um mínimo de bem estar e privacidade. Assim, como a falta de liberdade em emitir opinião, a autora acrescenta que o principal obstáculo enfrentado pelas mulheres era a falta de independência financeira. Sem ela as mulheres não conseguiam se libertar dos valores ditados pelos homens.

Por outro lado, o romantismo contribuía para uma relativa aceitação das criações femininas com temáticas que não incomodavam a sociedade machista da época. E aliado a esse momento de fruição do escrito feminino, Leodegária de Jesus então, terminando seus estudos no Colégio Santana, e desejosa de ampliar seus conhecimentos, busca professores particulares, assim, a menina que aprendeu a ler perguntando a mãe o nome das letras, e

ocupando-se de prendas domésticas, como era comum a uma jovem do seu tempo, escreve seus primeiros poemas aos 15 anos de idade. (Denófrio, 2001)

Sua primeira obra “*Coroa de Lyrios*” publicada em 1906 quando Leodegária de Jesus ainda tinha 17 anos é marcada pela dor e pela perda amorosa, porque na época a literatura goiana era defasada, e exprimia-a se num misto de Romantismo pelo conteúdo e Parnasianismo pela forma (Denófrio, 2001):

Sendo assim, as críticas em torno dos versos de Leodegária de Jesus sempre se remetem a falta de equivalência entre o pensamento e a forma, como disse o Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (p. 209, 1910)

Leodegária de Jesus, modesta poetisa, que atirando à luz da publicidade *Coroa de Lírrios*, veio nos mostrar, o sentimentalismo do seu espírito, influxionado pela literatura do meado do século passado, quando falavam mais alto as vozes do coração, sem as peias a forma.

Mas como todos sabiam que a literatura em Goiás naquele período estava muito distante dos grandes centros, os críticos, apesar de apontar nos versos de Leodegária um sentimentalismo característico do século passado, reconheciam que ela tinha talento e vocação poética. Isso porque sendo ainda tão jovem, poderia ainda aprender muito e vir a ter um futuro promissor na arte de produzir versos. Podemos ver uma destas críticas no prefácio de *Coroa de Lyrios* feita por Felício Buarque:

Embora sem o apuro da forma, a jovem autora da *Coroa de Lyrios* tem concepções artísticas, faltando-lhe apenas a graciosa roupagem, cujo gosto bem caracteriza os espíritos iniciados nos segredos da arte.

Há, pois, uma certa falta de equivalência entre o pensamento e a forma para corresponder ao ideal artístico, objetivo que poderá ser conseguido com um pouco de trabalho e de tempo. Não se pode, porem, exigir mais de uma moça de 17 anos, em um meio pouco favorável ao desenvolvimento da arte ou das letras.

(In: Denófrio, p.6)

Apesar das dificuldades impostas no campo literário, Leodegária foi a primeira mulher a publicar um livro nas letras goianas, fato louvável este, pois naquele período até mesmos os homens enfrentavam dificuldades para publicar seus livros. Sendo assim, todo elogio à Leodegária é pouco.

A poetisa tinha o apoio do pai, o professor e jornalista José Antonio de Jesus, com quem trocava correspondências falando sobre seus versos. Além disso, Leodegária participava dos movimentos literários que surgiram em Goiás, como os jornais *A Rosa* e *O Lar* dos quais

fez parte e publicou seus versos. Frequentava os saraus promovidos pelos Vieiras e foi amiga e confidente de Cora Coralina (Denófrio, 2001)

Entretanto, em virtude da transição de governo dos “bulhões” para os “caiados” movimento que sufocou por um bom período a movimentação intelectual em Goiás, Leodegária não pode apresentar uma obra renovadora, em sintonia com os modismos da época, havendo assim, um período de 22 dois anos entre *Coroa de Lyrios* e a sua segunda e ultima publicação, *Orquídeas*.

Esta estagnação literária ocorrida em Goiás por motivos políticos fez com que o campo literário que já era atrasado, ficasse ainda mais defasado. Fazendo com que novos movimentos literários como o modernismo, chegassem 20 anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922.

Apesar da chegada ainda que tardia do modernismo em Goiás, quando já havia se mudado para Belo Horizonte, Leodegária publicou atendendo a vontade de seu pai, *Orquídeas* obra com traços Românticos, mas que segundo Denófrio (2001), recebeu elogios de seu prefaciador se por manter fiel ao padrão clássico porquanto podia ter assumido a liberdade expressiva adquirida pelo modernismo.

A obra de Leodegária de Jesus é tomada pela influencia de autores românticos como Garret, Castro Alves, Varella e Álvares de Azevedo, que são citados em sua obra por meio de epígrafes.

As epígrafes são reveladoras, oferecem as coordenações estéticas a que Leodegária de Jesus se filiava. Tais epígrafes nos dão uma idéia da origem de seu entusiasmo criador e ainda denota a erudição de Leodegária. Denófrio (2001) diz que na poesia de Leodegária são notados traços de evasão, que termina por levá-la a posições regressivas no plano da relação como o mundo. Por exemplo: os poemas “*Aspiração*” e “*Enlevo*” do *Livro Coroa de Lyrios* e “*Meu desejo*” do livro *Orquídeas*:

#### Aspiração

Viver, alheia as falsas alegrias  
Desse ruidoso mundo, retirada,  
Numa campina amena e povoada  
De flores mil, d'amores e harmonias;

Morar bem junto às altas serranias:  
Viver do mundo inteiro separada,

Numa casinha branca e sombreada  
De verdejantes, densas ramarias;

Ter por amantes aves pequeninas,  
Sonhar aos terrenos do cantor alado,  
E por amigas flores campesinas.

Vendo a meu lado, ó céus! Sempre risonho,  
De minha mãe o rosto idolatrado;  
Eis, ó meu Deus, o meu continuo sonhos!...  
(Leodegária de Jesus, Aspiração)

Enlevo

É noite, e noite formosa!  
Do céu na tela espaçosa,  
Passeia a lua garbosa,  
Calma, serena e gentil.  
A brisa nos palmares,  
Defere canções ideais  
E dos floridos rosais,  
Vem doce aroma subtil.

No bosque, um brando cicio  
Se faz ouvir, manso, o rio  
Deslisa, mudo e sombrio,  
Além na mata isolada.  
Em cada estrela, um sorriso  
Meigo, sublime, diviso,  
E a terra num paraíso,  
Julgo, meu Deus, transformada!

Diante desta grandeza  
Suprema da natureza,  
Fogem-me logo a tristeza  
E os longos pesares meus.  
Então, minh'alma aparece  
E murmurando uma prece,  
Se ajoelha aos pés de deus  
(Leodegária de Jesus, Enlevo)

Meu desejo

Não quero o brilho das sedas, a harmonia  
Da sociedade, dos salões pomposos,  
Nem a fallaz ventura do mundo, tao ruidosos!

Prefiro a calma solidão sombria,  
Em que passo meus dias nebulosos;  
Sinto-me bem aqui, a sombra fria  
Da saudade de tempos mais ditosos.

Eu quero mesmo, assim, viver de lado,  
Das multidões passar desconhecida,  
Me alimentando de algum sonho amado.

Nada mais quero, a nada mais aspiro;  
Teu casco afeto que me doira a vida,  
Meus livros, minha mãe e meu retiro.  
(LEODEGÁRIA DE JESUS, Meu desejo)

Esses versos de Leodegária traduzem o seu desejo de ausentar-se do mundo, que se justifica provavelmente em virtude da frustração vivida pela fatalidade que acometeu o seu amor. De acordo com Denófrio (2001), Leodegária se fechou para o amor, e não podendo realizar seu amor no plano físico buscou refugio na natureza. Nele, a infância é retratada como um lugar paradisíaco que pode se traduzido como uma forma de regresso, mesmo quando a observamos falando de outras crianças. Tal momento é sempre privilegiado pelo eu-lírico.

Observamos também que os traços de fuga conduzem Leodegária a posições regressivas no plano das relações com o “eu”, que se refletem, segundo Denófrio (2001), em um abandono à solidão, ao sonho, às vezes ao desejo de morte, forma regressiva por excelência em se tratando de romantismo.

Sua poesia apresenta os temas ligados ao Romantismo, além da recorrência de um amor impossível, fuga da realidade e elementos da natureza, há também a presença do poema que falam de sua terra:

Goyaz

Pátria, tudo me falece  
Para erguer teu esplendor.  
A. Lessa

Goyaz querida! Perola mimosa  
Destes sertões soberbos do Brasil!  
Terra que amo tanto, que minha alma adora,  
Ao ver-te mais ainda,  
Minha Terra gentil!

E vivo a recordar as jóias ricas  
Que te enfeitam o colo primoroso;  
A serra azul, os rios, as palmeiras  
De cujas frondes virides, faceiras,  
Saúda o por do sol  
O sabia queixoso!

Terra garbosa e linda, que saudades  
 Dessas montanhas verdes, cismativas  
 Que meu olhar dorido idolatrava!  
 Onde, com tanto afeto repousava,  
 Em tarde fumarentas  
 Ou nas manhas estivas.

Ó pátria minha estremecida e bela,  
 Não mais verei o teu azul risonho,  
 Mas, onde quer que me conduza o fado  
 Jamais te esquecerei, berço adorado,  
 De minha dor primeira!  
 Do meu primeiro sonho!

Aqui, onde exilou-me a desventura  
 E a mocidade minha saturada  
 De amargores falece, tristemente,  
 Vivo a sonhar contigo, eternamente,  
 Ó terra de minha alma!  
 Ó Patria idolatrada!  
 (LEODEGÁRIA DE JESUS, Goyaz)

Nesses versos, Leodegária afirma seu amor por sua pátria. Temática bem ao modo Romântico, e de maneira ufanista canta sua terra, que possui em seu coração as primacias de sua vida.

## 2.2 A modernidade de Cora Coralina

Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, também começou a escrever ainda muito jovem. Seus primeiros escritos, segundo Britto (2009, p. 21), foi a “prosa, que tinha influencia francesa e clássica, assuntos considerados do universo feminino, além da referencia a poetas do arcadismo, romantismo e parnasianismo”.

De acordo com Denófrio (2009), Cora Coralina foi autodidata, contudo, cursou dois ou três anos de escola particular da mestra Silvina e a exemplo de sua mãe, freqüentava o Gabinete Literário Goiano, primeira biblioteca do centro oeste (1864). Apesar de no início do século XIX haver um ambiente propício ao desenvolvimento das letras em Goiás, ainda existia uma discriminação educacional na sociedade goiana, onde somente os filhos do sexo masculino eram enviados pelas famílias tradicionais para estudar na corte ou na Europa (Bitto, 2009). Cora Coralina sofreu muito preconceito por parte da família e da sociedade quando quis ingressar na vida literária, e a escritora expõe isso em seus versos; como podemos verificar:

## Menina mal amada

Sempre sozinha, crescendo de vagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.  
 Escola difícil. Dificuldade de aprender.  
 Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.  
 Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.  
 Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...  
 Alguém escreve para ela... Luiz do Couto, o primo.  
 Assim fui renegada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luiz do Couto  
 Para São Jose do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.  
 Ele nomeado Juiz de Direito.  
 Vamos ver, agora, como faz a Coralina...  
 Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,  
 Alto lá! Francesa.  
 Passei a ser détraqué, devo dizer, isto na família.  
 A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.  
 Somente minha bisavó e tia Nhorita.  
 (CORALINA, Vintém de Cobre)

Segundo Britto (2009), mesmo se sentindo rejeitada e encontrando tantos obstáculos em sua trajetória literária, Cora Coralina participou ativamente do movimento literário goiano integrando o jornal *A Rosa* e pode veicular suas idéias e publicar seus escritos. Participou também do clube literário Goiano, localizado no Sobrado dos Vieiras, mas apesar de sua participação em todos estes movimentos literários em Goiás, Cora Coralina ainda se sentia rejeitada, ignorante, sem estímulo. Era movida apenas pela fantasia (Britto, 2009).

Em seus versos Cora Coralina descreve como eram as reuniões no Sobrado dos Vieiras:

## Sobrado dos Vieiras

Um grupo de gente moça  
 Se reúne ali.  
 “Clube Literário Goiano”.  
 Rosa Godinho.  
 Luzia de Oliveira.  
 Leodegária de Jesus,  
 A presidência.  
 Nós, gente menor,  
 Sentadas, convencidas, formais.  
 Respondendo a chamada.  
 Ouvindo a leitura da ata.  
 Pedindo a palavra.  
 Levando idéias geniais.  
 Encerrada a sessão com seriedade,  
 Passávamos a tertúlia.  
 O velho harmônico, um flauta, um bandolim.  
 Musicas antigas. Recitativos.  
 Declamávamos em rimas e risos (Cora Coralina, Velho Sobrado, 1997)



Depois de participar dos veículos literários de Goiás em 1911, Cora Coralina mudou-se para São Paulo, e esta mudança segundo Britto (2009), marcou profundamente a vida literária da autora. Contribuiu para o desenvolvimento de estratégias que viriam a fazer parte de suas obras. Ainda de acordo com Britto (2009), São Paulo vivia um período de mudanças intelectuais com a chegada das vanguardas européias na pintura e nas letras. Foi neste período que Cora Coralina começou a ter contato com o pré-modernismo, da belle époque, saindo de um ambiente que era pautado no romantismo para dar lugar a uma favorável mudança literária que faria toda diferença em suas obras futuras.

Cora Coralina deixa para trás uma Goiás cheia de preconceitos. Vai para um ambiente favorável à sua ascensão como escritora e estar longe das amarras e rejeições de sua família.

Mesmo tendo coragem para tentar se libertar das limitações impostas pela sua família e pela sociedade e já morando em São Paulo. Cora Coralina ainda teve seu sonho adiado por causa do ciúme do marido. Vez ou outra conseguia publicar algumas de suas produções nos jornais da região como nos jornais *A Informação Goyana e Estado de São Paulo*. Nessas publicações já era possível notar as mudanças em seu estilo e temática (Britto, 2009). No entanto, Cora Coralina de acordo com Solange Fiuza Yokozawa (2009) afirmava que sentia - se em débito com o estilo modernista e que não havia acompanhado este movimento e que até então tinha somente se libertado da dificuldade poética após o modernismo de 22.

Ainda de acordo com Yokozawa (2009) Cora Coralina começou escrevendo contos e só depois do movimento modernista de 1922 que ela passou a escrever versos e que “seus versos são exemplares da distinção tão cara aos modernistas a forma da poesia e a da prosa” como podemos ver em *Poemas dos becos*: “este livro: / Versos... não/ poesia... não. / um modo diferente de contar velhas estórias”.

O modernismo no Brasil segundo Tavares (1969) só foi definido a partir da semana de Arte Moderna de 1922, e apresentava a liberdade absoluta da forma e da inspiração. Assim, ocorreram renovações estéticas que chocaram devido ao seu ineditismo, dentre as renovações estavam: o verso livre, na poesia; linguagem cotidiana; interesse pelo vulgar e por temas antipoéticos. Yokozawa (2009) complementa que a tendência modernista de falar de temas vulgares e antipoéticos tornaram-se prática consciente e coletiva, “rejeitando a distinção entre temas poéticos e não- poéticos, optaram pela poetização do que estava até então fora das esferas poéticas”. Portanto, passaram a usar personagens humanos que estavam à margem social, da vida e da poesia, surgiu assim, a literatura engajada.

Yokozawa, (2009) afirma que é possível identificar nos escritos de Cora Coralina traços da estética modernista mesmo a escritora dizendo que não havia participado do movimento. A poetisa reverencia em seus poemas memórias ocultas, reorganizando o heroísmo da poesia épica assumindo uma atitude poética que se relaciona com a modernidade literária. Cora canta os excluídos e os becos de sua cidade. Vejamos o poema:

#### Becos de Goiás

(...)  
 Conto a estória dos becos,  
 Dos becos da minha terra,  
 Suspeitos... mal afamados  
 Onde família de conceito não passava.  
 “Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.  
 De gente de pote d’água.  
 De gente de pé no chão.  
 Becos de mulher perdida.  
 Becos de mulheres da vida.  
 Renegadas, confinadas  
 Na sombra triste do beco.  
 Quarto de porta e janela.  
 Prostituta anemiada,  
 Solitária, hética, engalicada,  
 Tossindo, escarrando sangue  
 Na umidade suja do beco (Coralina, Poema dos Becos, 1997, p. 104-105)

Os becos de Goiás são mostrados nos versos de Cora como expressões nítidas das desigualdades entre as classes sociais. Eles representam, quase sempre, um espaço escuro, propício ao instalar a miséria, os dramas, as substituições e tensões de ordens diversas.

Na cidade de Goiás, há becos e “becos”. A diferença se faz na medida em que se transita por eles. Cora Coralina dedica o poema “Becos de Goiás” aqueles que são suspeitos e mal-afamados, discriminados pela gente do bem, pois lá é o lugar dos excluídos socialmente.

Yokozawa (2009) afirma que sua melhor obra foi escrita pela poetisa quando retornou a cidade de Goiás, em 1956. Nesta época, Goiás havia deixado de ser capital. Era uma cidade pobre e decrépita que pouco favorecia Cora em sua comunicação com o resto do mundo. Isso, entretanto, não impediu que os versos de Cora fossem reconhecidos. Isso porque “o retorno da poetisa imprimiu marcas em sua trajetória social que orientaram de modo significativo o seu fazer literário”. (Britto, 2009, p. 25)

No mesmo ano da volta de Cora, nasceu o grupo Os XV composto por poetas que se identificavam com a Geração de 45. As reuniões eram feitas na casa de Regina Lacerda.

Defendiam a união entre a velha e a nova geração de poetas. Segundo Teles (1983), no grupo havia a existência de rivalidade e prepotências entre escritores dentro do movimento literário goiano. Teles (1983) relata desse período uma tensão no campo literário e que apesar de Bernardo Élis, líder dos escritores goianos, tentar não demonstrar a luta entre velhos e novos, essa luta existia:

Foi talvez uma luta íntima em que alguns teimavam em não se verem superados e outros trabalhavam por emparelhar-se com o escritor 'consagrado da província'. Foi talvez rivalidade. Mas foi luta. Tanto que de lá para cá outras vezes que se ouviram, principalmente na poesia (Teles, p.173)

Por muitos anos, Cora permaneceu em uma espécie de semi-anonimato, publicando esporadicamente em jornais algumas de suas criações. Em seu poema “Voltei”, é possível notar como a poesia descreve tal momento:

#### Voltei

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia  
alguém.  
Quarenta e cinco anos decorridos.  
Procurava o passado no presente e lentamente fui  
Identificando a minha gente (Voltei Vintém de cobre, p.135)

Cora Coralina publicou *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* em 1965, quando já estava com 75 anos. Até esta data encontrou um campo fechado e preconceituoso, o que terminou contribuindo para que Cora desenvolvesse textos ricos no conteúdo crítico e sociológico. Assim, de forma consciente, Cora escrevia para “dar o que falar as bocas de Goiás”.

De acordo com Denófrio (2009) não foi fácil para Cora Coralina publicar *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pois teve dificuldades em encontrar uma editora que aceitasse publicá-lo. Depois de uma dura busca de um editor, a editora José Olympo aceitou os originais e os publicou. Mas, conforme Denófrio (2009), a poesia de Cora ficou adormecida por uma dezena de anos até que foi reeditada e divulgada pela Editora da Universidade Federal de Goiás.

A trajetória literária de Cora Coralina não ficou fechada nos limites da Serra Dourada, pois como ela mesma disse em seus poemas “abriu vôo nas asas impossíveis do sonho” sonhou e ousou sendo hoje reconhecida no Brasil e no exterior.

## LEODEGÁRIA E CORA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

### 3.1 Análise comparativa entre Cora Coralina e Leodegária de Jesus

Como vimos, Goiás desde sua fundação, em 1727, não tinha preocupações de ordem literária. Mesmo com o isolamento geográfico, a ganância política que tanto sufocou a literatura produzida em Goiás e o anacronismo literário, Goiás experimentou o gosto pela literatura por meio de saraus, reuniões e jornais publicados no início do século XX. Dessa forma, as mulheres tomaram seu lugar na literatura, vencendo obstáculos e preconceitos. A participação feminina, como a de Cora Coralina e Leodegária de Jesus no campo da escrita, trouxe grandes contribuições da literatura de cunho feminino para a sociedade goiana.

Embora a participação da mulher já se esboçasse na redação de periódicos e em contos e poemas publicados de forma esparsa, foi com Leodegária de Jesus que a mulher passou a ser vista de forma efetiva no campo das letras em Goiás. “Durante as pesquisas, a figura da primeira mulher a publicar livro de poemas em Goiás me havia fascinado, sobretudo porque soube exercer sua própria vontade para ultrapassar algumas barreiras impostas por um tempo cheio de limitações, de modo particular as mulheres”. (DENÓFRIO, 2007, p. 11)

Baseando-nos na afirmação de Denófrio (2001), podemos observar que a literatura de autoria feminina precisou criar um espaço favorável dentro do universo da literatura em toda sua magnitude. Espaço esse em que a mulher pudesse expressar a sua sensibilidade a partir de uma visão própria. Isso constituiu um olhar da diferença, um olhar de sensibilidade mais profunda.

Leodegária de Jesus, uma jovem a frente de seu tempo, intelectual, engajada nas artes, na sociedade, e que conheceu o amor na sua mais sublime e romântica forma, o amor “quase platônico”, que despertou um veio lírico de dor do amor que segundo a professora Darcy França Denófrio (2001) “foi tanto e nunca foi”, e porque foi tanto é que a machucou. E essa ferida que foi aberta por esse amor transformou-se no mais profundo lirismo, abrangente no em de sua obra.

Cora Coralina, amiga, confidente de Leodegária, também engajada em seu tempo, experimentou todo o fervilhar literário do início do século XX em Vila Boa. Conheceu o amor entregou-se a ele de tal forma, que foi capaz de deixar a sua vida para trás, família e posição social, para vivê-lo intensamente. Embora a experiência do casamento não seja mencionada

na sua poesia, sabemos que a poetiza só retornara a sua cidade anos após a morte daquele que fora seu companheiro e pai de seus filhos. De volta à Casa velha da ponte, Cora vai passar a limpo as suas experiências de vida, e escreve a maior parte de sua obra poética.

Seguir os caminhos que Cora traçou por meio de sua poesia é deparar-nos com constantes surpresas, cada página, verso, palavra, poema ou conto apresenta possibilidade de análise que desafiam uma leitura cuidadosa. Na poesia coralínea, em um primeiro momento, a atualidade do discurso impressiona e contrasta com a aparente singeleza das temáticas que revelam instigantes reconstruções da realidade. Cora Coralina, após as primeiras incursões na literatura, conquistou um estilo que lhe permitiu, por meio de uma aparente simplicidade estética, desafiar convenções.

Segundo Denófrio (2001) seguir os caminhos que Leodegária de Jesus ao dar início a tradição literária feminina em Goiás, é visitar um templo levantado em nome do amor impossível, num gesto que buscou imortalizar aquele amor tão verdadeiro que não poderia jamais ser esquecido, mesmo que seja por meio da poesia, e não vivido em sua totalidade.

Enquanto Leodegária, no conjunto de sua poesia, sublimava sua dor de amor como era comum aos poetas românticos, o companheiro de Cora aparece como construção feita de pedra, portanto concreto e real. Tal companheiro tem passagem marcada na história oficial, mas, ele é forjado na poesia, da mesma forma com que a autora também foi capaz de criar com pedras uma estrada, um leito.

Da leitura da obra poética de Cora Coralina depreende-se que a poesia fala em uníssono com a tradição poética moderna. Para verificar essa relação da autora com a tradição basta examinarmos as tendências da Lírica Moderna presentes em seus textos quando se vale do não – poético, trazendo para sua poesia o podre e o avesso da sociedade vilaboense, além do hibridismo dos gêneros literários, o que se torna um ponto divergente entre sua poesia e a de Leodegária.

Sobre essa diferença entre o romântico e o moderno, vale lembrar o que nos afirma Tavares (1969) sobre o romantismo caracterizado pelo predomínio do sentimentalismo sobre a razão, e o modernismo tem a liberdade absoluta da forma e da inspiração. Isso caracteriza uma autonomia no fazer poético do poeta moderno.

É possível encontrarmos em Cora, traços da poética que teve seu início em Baudelaire, que é considerado um dos precursores da modernidade, pois foi o primeiro a cantar a paisagem moderna do século XIX: as cidades na fase inicial da modernização, a multidão, os

pobres, os pátrias e as prostitutas, o tédio da chuva e dos becos na luz lívida da aurora, a decadência e corrupção que assolam o homem moderno.

Cora Coralina também busca o lirismo poético do lixo dos becos de Goiás, a lavadeira do Rio Vermelho, a prostituta, o menino lenheiro, a mulher doceira. Enfim, resgata para a sua poesia aqueles temas considerados até então como apoéticos.(Yokozawa, 2009)

Nos tempos de Cora Coralina, os becos eram lugares mal-afamados, onde mulheres de respeito não passavam. Era lugar de mulher da vida e de monturo, de tudo aquilo que não fosse útil para a sociedade. O poeta moderno, ao perscrutar o lirismo poético nos becos, resgata para o âmbito da poesia não só velhos objetos, frutos da industrialização, mas o ser marginalizado social e economicamente pela sociedade.

E, sendo Cora, possuidora de um modo particular de narrar contos e poemas, traz das suas vivências, e das mazelas humanas o lirismo e doçura como verificamos no poema mulher da vida, minha irmã:

De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das idades e  
Carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos,  
Apelidos e ápodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à- toa,  
Mulher da vida,  
Minha irmã.

Pisadas, espezinhas, ameaçadas.  
Desprotegidas e exploradas.  
Ignoradas da Lei, da Justiça, do Direito.  
Necessárias fisiologicamente.  
Indestrutíveis.  
Sobreviventes.  
Possuídas e infamadas sempre por aqueles  
Que um dia as lançaram na vida.  
Marcadas. Contaminadas,  
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.  
Nenhum estatuto ou norma as protege.  
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,  
Pisadas, maltratadas e renascidas.  
(CORA, Mulher da Vida, p. 203-204)

Além da denuncia social Cora Coralina apresenta um desejo de resistência social conta a exclusão da mulher, pois “ela é a mulher do povo”, carrega dentro de si todas elas, e de maneira extraordinária absorve e assimila cada uma delas, vejamos agora em “Todas as Vidas”

Vive dentro de mim  
 Uma cabocla velha  
 De mal-olhado,  
 Acocorada ao pé do borralho,  
 Olhando para o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 Ogum. Orixá.  
 Macumba, terreiro.  
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
 A lavadeira do Rio Vermelho.  
 Seu cheiro gostoso  
 D’água e sabão.  
 Rodinha de pano.  
 Trouxa de roupa,  
 Pedra anil.  
 Sua coroa verde de são - Caetano.  
 (CORALINA, 1997, P. 45 e 46)

Quando comparada a sua contemporânea, Leodegária de Jesus, as obras das duas poetisas apresentam uma poesia verdadeiramente divergente. Leodegária, ao contrario de Cora, apresenta em sua obra um caráter romântico, que primou pelo rigor formal comum ao parnasianismo. Quando observamos a poesia de Leodegária, notamos que a palavra central do discurso é o amor frustrado que ela viveu, e observamos ainda que a presença de vocábulos que remetem a tristeza, a melancolia. Em relação ao amor, observa-se frequentemente na poesia de Leodegária o sofrimento em razão da não correspondência amorosa.

Os sentimentos pessoais de Leodegária, vividos em um dado momento de sua vida, estão expressos em sua poesia, transpassada pelo espinho que a feriu, o amor que foi sem nunca ter sido, e que foi então dissimulado por meio dos lírios e das orquídeas que tanto celebrou, o que nos oferece uma visão de como a tragédia se transfigurou em beleza. Percebemos que sua poesia foi erigida em nome e memória de um amor impossível.

Cora Coralina escreveu seus poemas inspirada nos becos de Goiás, na exclusão social, talvez porque ela mesma se sentia excluída, pois como afirma Yokozawa (2009) a poetisa desde criança se sentia rejeitada pela família e pela sociedade. Devido a esse sentimento de inferioridade em relação ao mundo Cora sempre frisava sua falta de estudo e sempre



declarava que escrevia por vaidade, pois não recebia incentivo algum para fazê-lo. (Britto, 2009).

Assim, como Cora, Leodegária também era modesta ao falar de sua poesia e mostrava receio de ser excluída por ter escrito um livro. Apesar de ter tido uma maior oportunidade de estudar do que Cora e receber apoio da família, Leodegária se refere a seu livro como “meu modesto livrinho” além de utilizar uma epígrafe de Álvares de Azevedo dizendo: “São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpae-os.”. Leodegária no livro *Coroa de Lyrios* escreve para expor a melancolia de sua alma, não tendo intenção alguma de se vangloriar com isso.

Apesar de Cora e Leodegária terem pouco em comum em relação ao conteúdo e inspiração de suas obras, ambas as poetisas viveram o fervilhar literário em Goiás, sentiram o preconceito da sociedade. Lutaram pelo seu espaço. Ousaram o que poucas ousaram: fazer literatura em meio a uma sociedade machista que julgava que a mulher deveria se submeter apenas aos afazeres domésticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propomos fazer uma análise comparativa entre as poetisas Leodegária de Jesus e Cora Coralina, não imaginávamos ser possível encontrar tanta semelhança entre ambas no que se refere à contemporaneidade em que viveram, quanto de divergências no que se refere à vida, ao amor e, principalmente, ao conteúdo e forma de suas poesias.

O estudo permitiu fazer um panorama da participação da mulher na literatura goiana no início do século XX, e descobrir que por meio de jornais e saraus que as mulheres começaram a se envolver e procurar seu lugar na literatura e na sociedade, destacando-se cada vez mais. O estudo também nos possibilitou perceber que a contribuição de Leodegária para a literatura foi inestimável. Foi ela o primeiro punho lírico feminino em Goiás, numa época em que até os homens enfrentavam dificuldades para publicar seus livros, Leodegária foi a primeira mulher a publicar um livro de poemas em Goiás.

Enquanto Leodegária, ferida pelo espinho do amor “que nunca foi”, fornece-nos a tragédia em forma de beleza, Cora Coralina concebe uma poesia inspirada em personagens dos becos, influenciada pelo modernismo, em que o vulgar passa ser temática dos poemas.

É certo que Leodegária e Cora Coralina ainda que com obras de conteúdo diferentes e influenciadas por distintas correntes e percepções, ambas contribuíram com a literatura goiana, e influenciaram outras mulheres ao se libertar das amarras e limitações imposta pela sociedade machista do século passado.

Portanto, seja entre *Lyrrios e Orchideas*, de Leodegária de Jesus, ou seja, em meio aos becos sujos, por onde passavam gente excluída da sociedade em Cora Coralina, ambas as poetisas ousaram, marcaram seu tempo e espaço, seja falando de amores, seja de becos, e mulheres da vida, Cora e Leodegária dialogam entre si, pois ambas beberam da mesma fonte, a fonte inspiradora de Goiás.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Análises e Conclusões: estudos sobre autores goianos*. Goiânia: 1985.

\_\_\_\_\_. *Análises e Conclusões: estudos sobre autores goianos*. Goiânia: 1988.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Anuário Histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás para 1910*. Brasília, SPHAN/8º DR, 1987.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.

BRITO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugenia; VELLASCO, Marlene (org). *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. - Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

CHAUL, Fayad Nasr. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2. Ed. – Goiânia: ED. Da UFG, 2001.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1997.

DENÓFRIO, Darcy França. *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Câne editorial, 2001.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Reminiscências; Goiás de Antanho, 1907 a 1911*. Goiânia: Oriente, 1974.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: editora Bernado Álvares S.A., 1969.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. 2.ed. Goiânia: Ed. Universidade Federal de Goiás, 1983.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *Confissões de Aninha e Memória dos Becos*. IN: BRITO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugenia; VELLASCO, Marlene (org). *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. - Goiânia: Ed. Kelps, 2009.